



O Telejornalismo como mediação da cidadania¹

Adriana Moraes²

Bernadete Coelho³

Ana Carolina Rocha Pessoa temer⁴

Universidade Federal de Goiás- Goiânia-Go

RESUMO

Este artigo tem como objetivo promover a reflexão sobre as possibilidades de o telejornalismo fazer a mediação entre o cidadão e o estado na promoção da cidadania. Para tanto utilizaremos os conceitos de direitos sociais e cidadania social e do papel jornalismo como mediador. Vamos abordar neste trabalho, o projeto O bairro que eu tenho o bairro que eu quero, desenvolvido pela Televisão Anhanguera, afiliada da Rede Globo de Televisão em Goiás. Nossa proposta é analisar os resultados do projeto para então apontarmos se há efetivamente uma contribuição do telejornal na promoção de cidadania. Vamos apontar conceitos sobre cidadania de José Murilo de Carvalho e Adela Cortina, além de jornalismo como mediação e de interesse público.

Palavras-chave

Telejornalismo; cidadania; mediação

Introdução

Entre as funções do jornalismo podemos considerar que uma delas é dar divulgação às reivindicações da população e contribuir na busca de uma resposta do estado ao cidadão. O telejornalismo, que é o jornalismo feito na televisão, ocupa hoje um lugar central na vida de uma sociedade a partir do momento que é através dele que as pessoas se informam com mais facilidade sobre os assuntos locais, nacionais e internacionais, que de uma forma ou outra vão influenciar na vida de cada um, no mundo do trabalho, da escola, do lazer, do bairro.

A representação que o telejornalismo tem no dia a dia das pessoas é destacada por Vizeu. “[...] os telejornais tem espaço significativo na vida das pessoas. Os noticiários televisivos ocupam um papel relevante na imagem que elas constroem da

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 7 a 9 de junho de 2012

² Mestranda do curso de Pós-Graduação da Facomb-UFG. at.moraes@terra.com.br

³ Mestranda do curso de Pós-Graduação da Facomb-UFG. bernadete Coelho@gmail.com

⁴ Doutora e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Professora do Programa de Pós-Graduação da Facomb- Universidade Federal de Goiás. anacarolina.temer@gmail.com



realidade. Acreditamos que buscar entender como eles são construídos contribui para o aperfeiçoamento democrático da sociedade.” (Vizeu, 2003)

As grandes emissoras têm investido na proximidade com o telespectador. Há quem chame essa proximidade de participação, há que batize com o nome de interatividade. Os conceitos são diferentes, mas a intenção é uma só: fazer com que o público se identifique com a emissora, com o programa, com o telejornal e assim, a audiência seja fidelizada.

Este artigo tem como foco de análise, o projeto O bairro que eu tenho, o bairro que eu quero, desenvolvido pela Televisão Anhanguera, uma emissora regional goiana, afiliada da rede Globo de Televisão. A emissora é uma empresa familiar e a maior da região Centro-Oeste. O projeto tem como objetivo levar até os moradores dos bairros, a oportunidade de escolherem o que o bairro tem de melhor e o que tem de pior.

A escolha é feita através de votação em um dia determinado da semana. Para isso é usada urna eletrônica, cedida pelo Tribunal Regional Eleitoral. Na urna são colocadas as opções em que os moradores podem votar, como: educação, segurança, saúde, transporte coletivo, água e esgoto e demais temas que envolvem a vida de um cidadão no bairro em que mora.

O assunto escolhido como ruim pelos moradores será tema de uma entrevista ao vivo com um representante da prefeitura ou do estado. Neste caso a reivindicação dos moradores será apresentada á autoridade que deverá dar uma solução para o problema.

Com esse objeto de estudo queremos promover a reflexão sobre o estímulo que o telejornal pode dar ao exercício da cidadania. Até que ponto um projeto assim, que mostras os problemas de um determinado bairro e busca a solução junto às autoridades, pode contribuir para a prática da cidadania.

Jornalismo

A partir da proposta de sociedade mediada e processos sociais mediados, devemos observar a função que cabe ao jornalismo neste contexto. Como jornalismo, entendemos a atividade profissional de divulgação mediada de interesse para o público, é a profissão da comunicação de massa. Na literatura há variedade de definições, algumas controversas, a partir de diversidade a abordagens e de áreas do saber. Vamos



nos deter aqui com os conceitos de jornalismo como “a profissão principal ou suplementar das pessoas que reúnem, detectam, avaliam e difundem as notícias, ou que comentam os fatos do momento” (Koszyk e Pruys apud Kunczik 2002, p. 16).

O modelo de jornalismo atual desenvolvido no Brasil é o que podemos classificar como jornalismo ocidental. Sousa (2002) traz, com as contribuições de Hachten (1996) ou McQuail (1991), uma categorização do jornalismo pelo mundo afora, de acordo com a temática, estilos, pontos de vista, normas, elementos funcionais ou formas discursivas.

Segundo Sousa, o modelo ocidental de jornalismo preconiza que a imprensa deve ser independente do estado e dos poderes, com o direito de reportar, comentar, interpretar e criticar as atividades dos agentes de poder, sem repressão. Esse modelo que começou com as revoluções Francesa e Americana vigora nos países democráticos capitalistas, como o Brasil, Portugal ou os Estados Unidos. Neste caso, os jornalistas seriam limitados apenas pela lei, pela ética e pela deontologia e o jornalismo funcionaria como uma espécie de espaço público com diferentes correntes de opinião.

Sabemos que a televisão aberta é sustentada pelos anúncios da iniciativa privada e do governo, o que acaba influenciando na isenção e na prioridade pela audiência. Mas apesar dos interesses financeiros, o compromisso essencial com o interesse público parece não ficar comprometido no caso do projeto que estamos apresentando. O bairro que eu tenho, o bairro que eu quero traz à tona a opinião dos moradores e seus questionamentos em relação aos serviços do estado.

O projeto estaria ainda inserido no que Kunczik(2002) identificou como papel social e mediador do jornalismo. A mediação numa sociedade democrática seria o principal papel do jornalista, e a tarefa dos jornalistas é facilitar a mútua comunicação entre os diferentes grupos da sociedade. Langenbacher defende que neste caso o sistema de comunicação deve facilitar o acesso do cidadão aos meios de comunicação e para conseguir essa “igualdade comunicativa” é preciso que as possibilidades de certo grupo de garantir o acesso aos meios de comunicação de massa aumentem em proporção inversa à sua privação anterior no sentido de utilizar a comunicação pública.



“Isso proporcionaria igual oportunidade de comunicação a todos os grupos da sociedade” (KUNCZIK, 2002, p. 100).

O jornalismo comprometido com o interesse público pode ser reconhecido como o modelo de jornalismo mediador. Numa época em que a quantidade e a velocidade de informações são infindáveis, o sujeito parece ao mesmo tempo estar próximo e distante da informação. Próximo, porque a informação do mundo está ao seu alcance através de qualquer meio de comunicação, e, distante, porque a própria sociedade contemporânea diante de tanta informação, tem dificuldade de se mobilizar e interferir nas decisões políticas. O papel do jornalismo é reconhecido pelo professor e pesquisador Wilson Gomes como de divulgador das informações da esfera política à esfera civil.

“Nesse sentido, o jornalismo pode ainda efetivamente servir à esfera civil, disponibilizando os repertórios de informação, os estoques cognitivos - ainda mais necessários em tempos de desmobilização cívica e de distanciamento crescente entre esfera civil e esfera política- de que a cidadania necessita para tomar posição nos campeonatos eleitorais” (GOMES, 2009, p. 78).

Telejornalismo

O jornalismo também esteve presente através dos telejornais e se tornaram referência dentro da programação. A história mostra que a televisão brasileira ocupa um lugar importante na representação das identidades nacionais e sempre fez parte do processo de desenvolvimento e integração, assumindo funções ou papéis diferentes em cada momento histórico do país. Hoje a televisão é considerada uma mediadora, principalmente quando se fala de telejornal, já que é através dela que a grande maioria dos cidadãos interage com o mundo através das notícias apresentadas no jornalismo da televisão.

Por si só a televisão exerce um fascínio sobre o telespectador. A imagem, antes impensada na era do rádio veio dar visibilidade ao acontecimento do dia a dia. Ela provoca uma espécie de excitação, deslumbramento aos olhos do telespectador. Dentro dos vários tipos de programas exibidos na televisão, o telejornal é na atualidade o produto informativo de maior impacto, já que o cidadão se mantém informado pelo que é mostrado no telejornal.



“Pelo telejornal, a TV cria e procura dar visibilidade a uma experiência coletiva de nação. É um espaço importante de construção de sentidos do nacional como ritual diário. [...] A televisão e os seus noticiários têm mudado a maneira do país ser governado, têm mudado sua maneira de votar e têm mudado a maneira do Brasil pensar” (BEKER, 2006, p.67)

O telejornal é um gênero do jornalismo pertencente à categoria da informação. Segundo Aronchi de Souza(2004) o gênero telejornal está classificado como um programa que apresenta características próprias e evidentes, com apresentador em estúdio chamando matérias e reportagens sobre os fatos mais recentes.

Em relação ao formato, Aronchi de Souza(2004) descreve que o formato pioneiro no gênero telejornal foi o noticiário, com o apresentador lendo textos para a câmera, sem outras imagens nem ilustrações. Essa fórmula básica é mantida até hoje com os apresentadores lendo os textos e chamando as reportagens externas realizadas pelos repórteres, ao vivo ou gravadas, bem ao estilo americano de fazer telejornal.

Apesar de tradicional, algumas modificações foram implantadas nos telejornais com o objetivo de dar mais agilidade ao noticiário e prender a atenção do telespectador. Assim como as mudanças acontecidas no jornalismo e na própria televisão, a forma de apresentação dos telejornais e a própria linguagem também mudaram. Hoje os apresentadores estão mais informais, os cenários mais interativos, a linguagem mais coloquial e dialógica. Mudanças que na maioria das vezes tem como principal objetivo conquistar a audiência, como lembra Squirra.

“No cenário de competitividade inaugurado com a reabertura política no país, as redes procuraram diversificar os modelos, investindo significativamente em formatos mais descontraídos, participativos e populares. Muitos passaram a se posicionar como canais para responder as questões mais aflitivas da população, numa procura por fazer da TV a ligação cidadão-estado, já que este último insiste em não atender as inúmeras questões sociais emergentes”(SQUIRRA, 1999, p. 63)



A relação entre o cidadão e o telejornal acabou reforçando o telejornalismo como um serviço público ou de interesse público.

“Principal meio de informação dos brasileiros, incluindo os jovens, os telejornais cumprem claramente uma função pública no Brasil, país marcado pela desigualdade no acesso aos bens de consumo e também a direitos essenciais como educação, saúde e segurança. [...]o público seria idealmente o princípio orientador dos fazeres jornalísticos em TV, ainda que em muitos caos na condição de audiência presumida”. (COUTINHO,2009)

Não é exagero afirmar que as notícias do telejornalismo prestam uma espécie de serviço público e de interesse do público quando vai informar, esclarecer, cobrar soluções das autoridades para os problemas e questionamentos do cidadão.

“O cidadão parece sentir concretizada parte de sua cidadania pela crítica ácida que um comentarista faz sobre o político corrupto ou pelas informações que receber pela tela da tevê.[...] “A televisão funciona como o entreposto entre a vida privada e o espaço público mediando essa duas esferas sociais que constituem a nossa sociedade” (TEMER, 2009, p.177)

Dentro desta perspectiva avaliamos que o projeto desenvolvido pela Televisão Anhanguera, O bairro que eu tenho, o bairro que eu quero, pode ser considerado de interesse público e mediador, apesar de buscar também a audiência. A cada edição, realizadas sexta-feira e sábado, são feitas reportagens jornalísticas que mostram o bairro, seus moradores, principalmente os mais tradicionais, o comércio da região. Elementos do cotidiano de um cidadão usados para despertar o interesse dos próprios habitantes do lugar que acabam por despertar a satisfação, o orgulho e o sentimento de pertença dele.

Podemos ainda observar que o projeto pode ser considerado de interesse público quando está colocando a população para discutir sobre serviços públicos que tem relação com toda a comunidade, e não privilegia o interesse de um só. Por outro lado, a proposta de jornalismo como mediação se concretiza a partir do momento que através



da realização do projeto, os moradores conseguem expor seus problemas às autoridades públicas que imediatamente dão uma respostas à comunidade.

O interesse dos moradores em discutir problemas como asfalto, iluminação pública, ônibus ou saúde é vinculado pelos responsáveis pelo projeto, ao que se convencionou chamar de jornalismo comunitário, o que pode levar ao erro, segundo alguns autores. A Televisão Anhanguera é um meio de comunicação de massa e não tem características de uma emissora comunitária apresentadas por Peruzzo (apud Souza, 2006, p.193) “gestão pública, a programação plural e a falta de fins lucrativos”. O jornalismo comunitário caracteriza-se principalmente por ser um jornalismo feito pela comunidade.

“O comunitário ajuda a construir uma prática social em que se desenvolvem aptidões associativas e solidárias, vontade de juntar-se a outros,[...] de fazer valer o interesse público mediante uma interação baseada na proximidade, não necessariamente só de lugar, mas de interesses e identidade.” (DORNELLES, p.99, 2006).

Uma empresa de comunicação comercial, de canal aberto, a necessidade de aproximação com a comunidade é essencial para a conquista da audiência, portanto, mesmo que contribua para práticas sociais mais solidárias, o foco final será sempre a busca por mais telespectadores.

Cidadania

Antes de falarmos em cidadania , devemos expor os resultados alcançados pelo projeto O bairro que eu tenho,o bairro que eu quero. Desde que foi implantado, quatro edições já foram realizadas, todas em bairros populares ou da periferia da capital. O SESI também promove uma série de atividades recreativas e educativas com crianças, jovens e adultos da comunidade. Em todos houve uma resposta do Estado à população através do projeto.

Na primeira edição os moradores escolheram o transporte coletivo como o maior problema no bairro Novo Mundo. Depois da realização do projeto, os moradores se



reuniram com a companhia metropolitana de transporte coletivo e conseguiram a volta da linha 405 ao trajeto anterior para atender também a parte sul do bairro.

No dia 16 de março foi realizada a segunda edição do projeto, desta vez no setor Garavelo, em Aparecida de Goiânia. A reclamação é que o cais do setor estava sempre superlotado. Resultado: a secretaria de saúde da aparecida inaugurou o centro clínico com médicos especialistas e o cais passou a atender só as emergências.

Na terceira edição foi a vez do Jardim América. Os moradores votaram em segurança pública como o principal problema do bairro. Quatro dias depois do projeto, a polícia militar se reuniu com a comunidade e ficou acertado o reforço do policiamento em todo o bairro.

A quarta edição foi no setor Finsocial. Os moradores também escolheram a segurança como o que o bairro tem de pior e mais uma vez o estado se posicionou dando uma resposta aos moradores. Em resposta ao vivo dentro do telejornal, a polícia militar também assumiu o compromisso de colocar mais viaturas no bairro.

É importante destacar que, em todas as edições a comunidade além de poder escolher o que queria para o bairro, pode fazer a reivindicação e ouvir a solução durante a exibição do telejornal diretamente com as autoridades responsáveis pelos assuntos apontados.

É possível, portanto, considerar o projeto promotor da cidadania a partir do jornalismo como mediador e de interesse público. A função desempenhada pelo telejornalismo da TV se reafirma com o conceito que Gomes(2009) considera sobre o interesse público. Para o estudioso, ele consiste na garantia de que, o que interessa ao público, possa ter influência na produção da decisão política. Como detentor da informação, o interesse público do jornalismo seria colocar á disposição do público as informações necessárias para que o cidadão possa influenciar a decisão política e a gestão do estado. "Servir ao interesse público é servir à cidadania, no sentido de possibilitar que a coisa pública, o bem comum, seja decidido e administrado segundo o interesse geral da sociedade"(GOMES, 2009, p. 82)



Podemos identificar neste projeto a cidadania a partir das definições de direitos sociais e cidadania. Ao falar sobre o desenvolvimento da cidadania no Brasil, o autor José Murilo de Carvalho menciona as diferenças do processo de desenvolvimento da cidadania na Inglaterra e no Brasil. Segundo Carvalho(2010), tornou-se costume desdobrar a cidadania em um feixe de direitos civis, políticos e sociais. Cidadania plena seria desfrutar desses três tipos de direito.

Por direitos civis entendem-se os direitos fundamentais à vida, à liberdade à propriedade, à igualdade, perante a lei. São direitos que se baseiam em uma justiça independente. Os direitos políticos se referem a participação do cidadão no governo da sociedade. Já os direitos sociais garantem a participação, segundo Jose Murilo, na riqueza coletiva. Nesse grupo estão incluídos os direitos à educação, trabalho, saúde

. O autor destaca que, enquanto na Inglaterra esses direitos se desenvolveram essencialmente seguindo essa ordem lógica que não foi apenas cronológica (civis, políticos e sociais), no Brasil a ordem em que os direitos foram adquiridos foi outra. Primeiro vieram os direitos sociais, e depois os políticos e os civis. Dessa forma segundo o autor cidadania na Inglaterra ou nos Estados Unidos não é mesma cidadania do Brasil.

Quando se fala da natureza histórica da cidadania outro aspecto importante para o autor é que ela se desenvolveu dentro das fronteiras Estado- nação. Para o autor isso quer dizer que a construção da cidadania tem a ver com a relação das pessoas com o Estado e com a nação. “As pessoas se tornavam cidadãos à medida que passavam a se sentir parte de uma nação ou Estado. Da cidadania como a conhecemos fazem parte então a lealdade a um Estado e a identificação com uma nação.” (Carvalho, 2010).

Percebe-se que os cidadãos votam para ter mais saúde, educação, transporte, estão buscando seus direitos sociais e como desdobramentos uma cidadania social. Para Cortina(2005), a cidadania começou na Grécia há mais ou menos vinte e quatros séculos e se converteu no padrão de cidadania social de Thomas Marshall há meio século. Para a autora a partir dessa perspectiva:

“é cidadão aquele que, em uma comunidade política, goza não só dos direitos civis (liberdades individuais), nos quais



insistem as tradições liberais, não só de direitos políticos (participação política), nos quais insistem os republicanos, mas também de direitos sociais”,[...]} cuja proteção era garantida pelo Estado nacional, entendido não já como Estado liberal, mas como Estado social de direito.” (CORTINA, 2005).

Quando falamos da intenção dos telejornais locais em se aproximar do telespectador mediando conflitos de interesse de uma comunidade também a da autora Adela Cortina um conceito de cidadania que se encaixa nesse trabalho. A autora relaciona cidadania a um sentimento de justiça e de pertença. Em princípio a cidadania está ligada ao fato de se saber e de se sentir cidadão em uma comunidade. A autora acredita que é esse sentimento de pertença que leva o indivíduo a trabalhar por uma comunidade. Ora, quando o indivíduo é chamado a participar da escolha do principal problema do bairro essa convocação gera esse sentimento de pertença. Eu ajudo a escolher porque faço parte da comunidade e ajudo também a achar soluções para o problema junto às autoridades competentes.

Considerações finais

O que podemos concluir neste trabalho é que, apesar de ser uma televisão comercial que tem como finalidade o jornalismo, mas que visa o lucro, o tejournalismo pode nestes casos ser também um mediador para a promoção da cidadania.

Mesmo que as ações desenvolvidas pelo projeto em questão, sirvam para aproximar o telejornal da população e inevitavelmente atrair audiência, o cidadão é beneficiado com a aproximação dele com o Estado.

Vimos nesta iniciativa que ao ter a oportunidade de apontar, através de votação, os problemas que existem nos bairros e posteriormente discutir sobre o assunto diretamente com uma autoridade, os moradores estão exercendo o direito de cobrar seus direitos, no caso os sociais. Mais do que isso, eles conseguem produzir mudanças nas ações do estado a partir do momento que a autoridade tem que mudar ou criar novas



ações que devem ser desenvolvidas em determinado bairro, de acordo com a vontade do cidadão.

As conquistas dos moradores são resultado da mediação do telejornalismo através do projeto -O bairro que eu tenho, o bairro que eu quero, que promove a prática da cidadania quando dá aos moradores a oportunidade de reivindicar seus direitos e de conquistá-los.

Referências Bibliográficas

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. Gêneros e formatos na televisão brasileira. São Paulo: Summus, 2004.

BECKER, Beatriz. Do mito da imagem ao diálogo televisual: repensando o ensino e a pesquisa em telejornalismo. In, 40 anos de telejornalismo em rede nacional: olhares críticos. Vizeu, A, Porcello, F, Coutinho, I. (orgs)- Florianópolis: Insular, 2009.

CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CORTINA, Adela. Cidadãos do mundo. Para uma teoria da cidadania. São Paulo. Edições Loyola, 2005.

COUTINHO, Iluska. Telejornalismo como serviço público no Brasil: reflexões sobre o exercício do direito à comunicação no Jornal Nacional/TV Globo. In, 40 anos de telejornalismo em rede nacional: olhares críticos. Vizeu, A, Porcello, F, Coutinho, I. (orgs)- Florianópolis: Insular, 2009.

GOMES, Wilson. Jornalismo, fatos e interesses: ensaios de teoria do jornalismo. Série Jornalismo a Rigor. V.1. Florianópolis: Insular, 2009.

KUNCZIK, Michael. Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul. ; Tradução Rafael Varela Jr. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2002.

SQUIRRA, Sebastião. O telejornalismo brasileiro e a competitividade, *in* Comunicação e Sociedade. Umesp. São Bernardo do Campo – São Paulo. 1999.

TEMER, Ana Carolina R. Pessôa. Televisão e Internet: interatividade entre as duas mídias e a abertura de um novo espaço para a cidadania. In, 40 anos de telejornalismo em rede nacional: olhares críticos. Vizeu, A, Porcello, F, Coutinho, I. (orgs)- Florianópolis: Insular, 2009.

